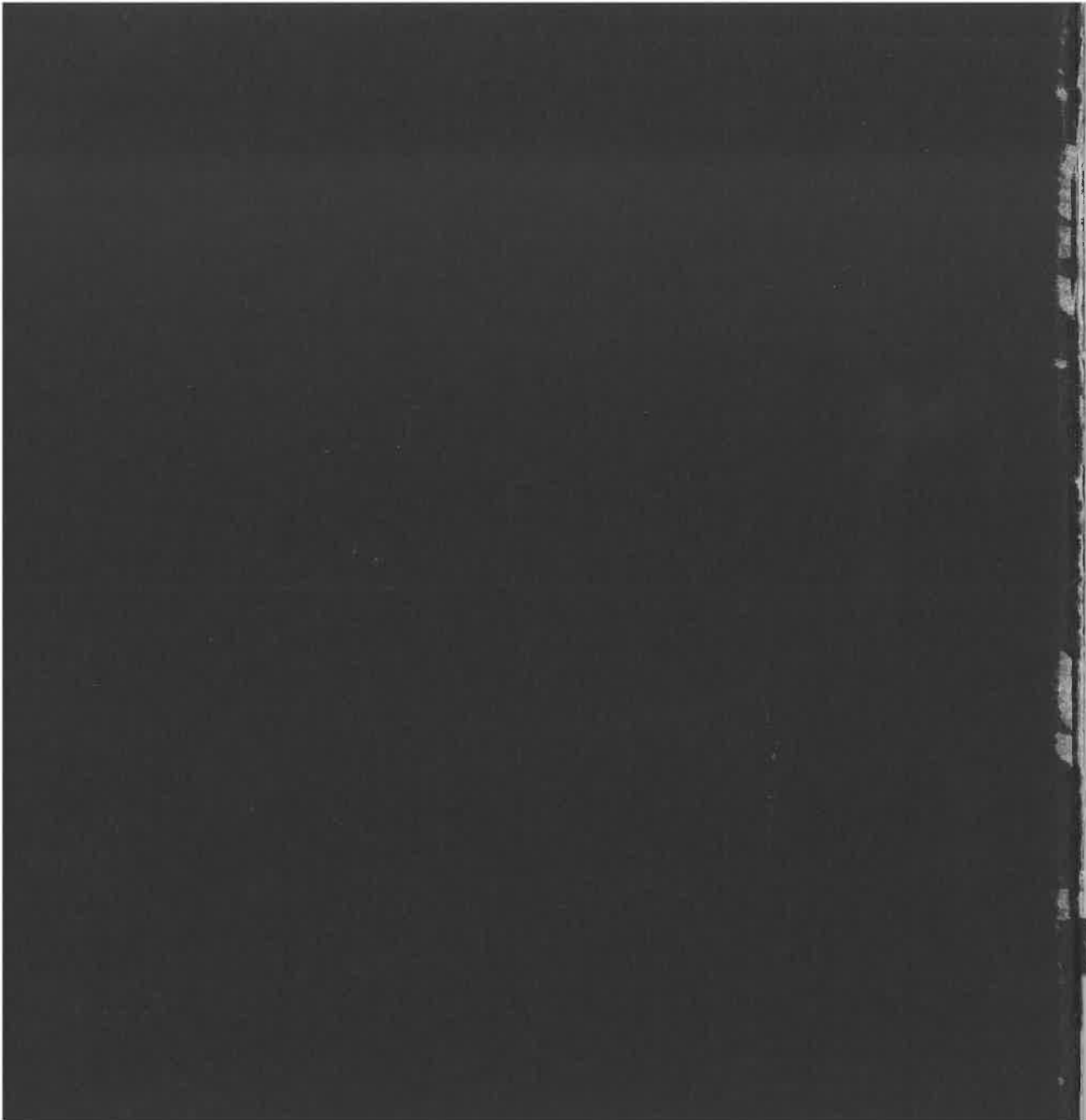


J. P. V.



Introdução ao relatório de estágio e de período de bolsa de estudos, concedida pela Fundação Gulbenkian, é claro, para uso dos amigos e em edição particular, não pública, de uso restrito e condicionado.

Durante a minha estadia no estrangeiro com uma bolsa de estudos da Fundação Gulbenkian, para estudar técnicas modernas da construção, todas as semanas escrevia as minhas impressões sobre o que se tinha passado. Com estas notas, e pouco mais, fiz o meu relatório a que me obrigava o «contracto» de concessão da bolsa. Por razões várias houve semanas em que não fiz o meu «semanário de bordo» e ao constatar isso, já em Portugal, achei melhor não tapar esses buracos pois que o espírito e a linguagem seriam outros e o relatório perderia. Não falei no relatório da nossa viagem de mais de dez dias ao Este da França. Neste momento e à parte as questões técnicas, não posso deixar de me lembrar de Metz, Strasburg e Colmar como de cidades apaixonantes, com edifícios belíssimos da idade média na sua arquitectura urbana e, para Colmar dos três Grunvald que me fizeram voltar. Como é natural e dadas as condições em que escrevi o meu relatório, há passagens mais longas e desinteressantes nos pontos em que o meu pensamento foi levado a especular para além das calmas certezas nacionais. Nessas alturas, talvez, é que custava mais ser português.

Toda uma infinidade de complexos de inferioridade, provenientes da nossa incomunicabilidade, estavam bem à vista para me impedir de ter espírito livre e são — coisas que realmente não tinha, nem uma nem outra. Analisemos pois os defeitos de ser português para podermos tirar, pelo menos, conclusões sobre o nosso estado.

Quando era posto em frente de tema já conhecido a minha memória ia imediatamente buscar ao passado, ao tempo da minha formação e educação, elementos sobre os quais assentava a minha posição ao mesmo tempo que por um raciocínio crítico tentava verificar qual seria a qualificação desses conhecimentos fora do seu ambiente normal, os meios culturais portugueses. Verifiquei quase sempre o que era de esperar pelo que fica para trás, que nem sequer a linguagem a que estava acostumado servia para entrar no diálogo.

Quanto as ideias bases que me tinham sido «fornecidas» essas... Porquê?

Porque nos países mais maduros o número de coordenadas que entram em jogo é muito maior e diferentes são essas coordenadas. E isto para os temas conhecidos.

Evidentemente que não fui lá para fora com diploma da quarta classe — mas a diferença de pouco me valeu — e que se pedi a bolsa para estudar técnicas modernas de construção também tinha uma ideia muito precisa das minhas necessidades noutros sectores, que me dispunha a completar. Mas todo o benefício que porventura eu tenha tirado nesse outro aspecto, que é como parece saltar aos olhos, o do pensamento e do carácter, esse devo-o exclusivamente ao meu esforço pessoal ao risco que sempre corri aqui em Portugal, conscientemente é claro, de passar por menos «seguro» — aqui o vocabulário nacional é riquíssimo em sinónimos, de modo que só aponto a ideia — e a ter que sofrer anos a fio a superioridade no trato imposta por todos aqueles com quem tenho lidado, que se defendiam assim da minha «diferença». Portanto considerem isto como quise-

rem, ou não estivesse a escrever para amigos, todo o bem que me possa ter advindo desta parte do meu trabalho, em período de bolsa, é unicamente devido ao meu trabalho para superar a falta de possibilidades de contactos intelectuais, sérios e frequentes, o jogo de «caixinha» em que os portugueses são provincianamente exímios e o estúpido hábito nacional — mais corrente no Porto? — de se desconfiar do parceiro, mesmo que este seja ou passe por nosso amigo próximo. Nestas condições ambientais em que se está, no meio próprio profissional e intelectual, que querem que cresça de sério, bom e saudável?

Mas ainda temos que contar com o meio não profissional e intelectual.

Quais são os costumes usados para com o arquitecto e os outros artistas, na nossa terra? À parte dois ou três que conseguiram pelo seu geito manual impressionar lucrativamente uma meia dúzia de pessoas de dinheiro, onde está a aceitação, a consideração e o respeito que são devidos aos artistas? — quanto mais não seja como simples cidadãos.

Toda a minha experiência aqui em Portugal me deixa dizer que nós somos pior tratados que os jardineiros, os alfaiates, os mestres de obras e por aí fora. Não sei de nenhum destes respeitáveis profissionais que tenha ouvido as desconsiderações e os disparates que nós habitualmente ouvimos.

Enquanto o nosso trabalho não for respeitado por nós próprios e pelos outros, como é que havemos de «tirar passaporte?».

Em que condições nos apresentamos no estrangeiro? Tantas vezes que poderíamos falar da nossa experiência profissional se o nosso trabalho tivesse ido avante! Mas o nosso cliente português alterou todo o nosso trabalho, demoliu-o, intervindo para além das fronteiras de programa e de funcionamento em que devia ficar. Há, no entanto, uma única atenuante para o nosso meio português —

pelo menos para o não profissional — é que quando o nosso trabalho é demolido quem o deita abaixo não faz uma pequena ideia do que está a aniquilar. Para ele são simples riscos que se podem deslocar da direita para a esquerda sem com isso ter feito mais do que deslocar riscos da direita para a esquerda. Do pensamento que está por detrás dos riscos e que devia ser precioso para ele é-lhe desconhecida a existência. É-lhe impermeável, não acredita na sua existência. Pede ao artista o que ele tem de mais baixo de mais material: uns riscos, uns bonecos!!! As qualidades superiores dos artistas até o incomodam e lhe são inconvenientes. Por isso, por desconhecer aquilo que aniquila, diga-se a verdade, é que o português é tão desenvolvido na aniquilação do trabalho dos artistas; pudesse ele ter uma ideia do que representa — e agora digo eu, até ao nível internacional — o seu gesto demolidor que nem sequer a coragem necessária nessa altura ele teria.

Amigos, porque será que estou tão ácido e desanimado? Não basta o que ficou dito para vos esclarecer? Bastará isto para lhe explicar a si, Afonso, o que queria eu dizer com o infelizmente que lhe lancei à chegada?

Mas infelizmente há mais.

A título informativo transcrevo uma pequena nota publicada no n.º 263 de «Vértice», a propósito da morte de Le Corbusier e o texto escrito para o seminário do C.S.T.B.

Discute-se muito quem foi o Arquitecto que no último meio século teve papel preponderante a ponto de se poder considerar como a figura isolada à sombra da qual floresceram as várias personalidades arquitectónicas.

Pessoalmente pouco me importa este problema, tanto mais que estou convencido que já não há figuras ímpares mas que há homens que se distinguem mais num ou noutra aspecto dos vários abrangidos pelas suas profissões e a questão seria, portanto, de saber qual desses aspectos é o mais importante e não o de saber qual dos architectos é o maior.

Considero Corbusier um artista do mais alto interesse, cuja obra servirá por muito tempo para alimentar a imaginação dos que começam. No entanto os artistas mais jovens deste ano de 65 procuram caminhos que já nada têm que ver com a obra do grande architecto. Vejamos porquê.

A posição de Corbusier no princípio do século chamava a atenção para o aspecto mecânico das suas propostas visto ele pretender

estender à concepção da habitação e da construção em geral a rigidez e o rigor usados na concepção dos grandes barcos, aviões e automóveis.

Agora as obras que se vão construindo têm como preocupação lutar contra as imposições técnicas e formais pretendendo a libertação da forma e a subjugação a esta da técnica.

Este ponto de vista proporciona pelo menos uma muito grande liberdade de concepção ao mesmo tempo que abre caminho a uma grande inovação: à colaboração estreita do pintor e do escultor com o arquitecto.

Embora Corbusier tivesse sido simultâneamente pintor, escultor e arquitecto e a mim parece-me que por isso mesmo, dentro das suas construções a pintura e a escultura entrarem como elementos de inegável integração formal — por serem realizadas pelo mesmo artista — não houve oportunidade de se ouvir a voz do pintor ou do escultor em diálogo ou dissonância propositados.

Isto é: não se optou por novos problemas criados com a entrada de um pintor ou de um escultor e preferiu-se poupar o tempo que fatalmente se perderia nesse diálogo, garantindo ao mesmo tempo uma unidade indiscutível. Mas... esta capacidade de conceber obras de pintura, escultura e arquitectura simultâneamente, se teve os seus frutos de alto nível, trouxe em contrapartida o inegável prejuízo de fazer crer a outros arquitectos que é possível — e fácil — ao arquitecto suprir a colaboração do pintor e do escultor, provocando obras menos boas ou mesmo francamente más.

Hoje o que se pretende, nos sítios onde estes problemas são considerados como importantes, é conseguir a unidade alcançada por Corbusier, fruto não do trabalho de um só homem mas de uma equipa que ainda está longe de ser completa se contarmos só com o pintor e o escultor.

Pretende-se dar ao pintor e ao escultor, etc., um lugar mais

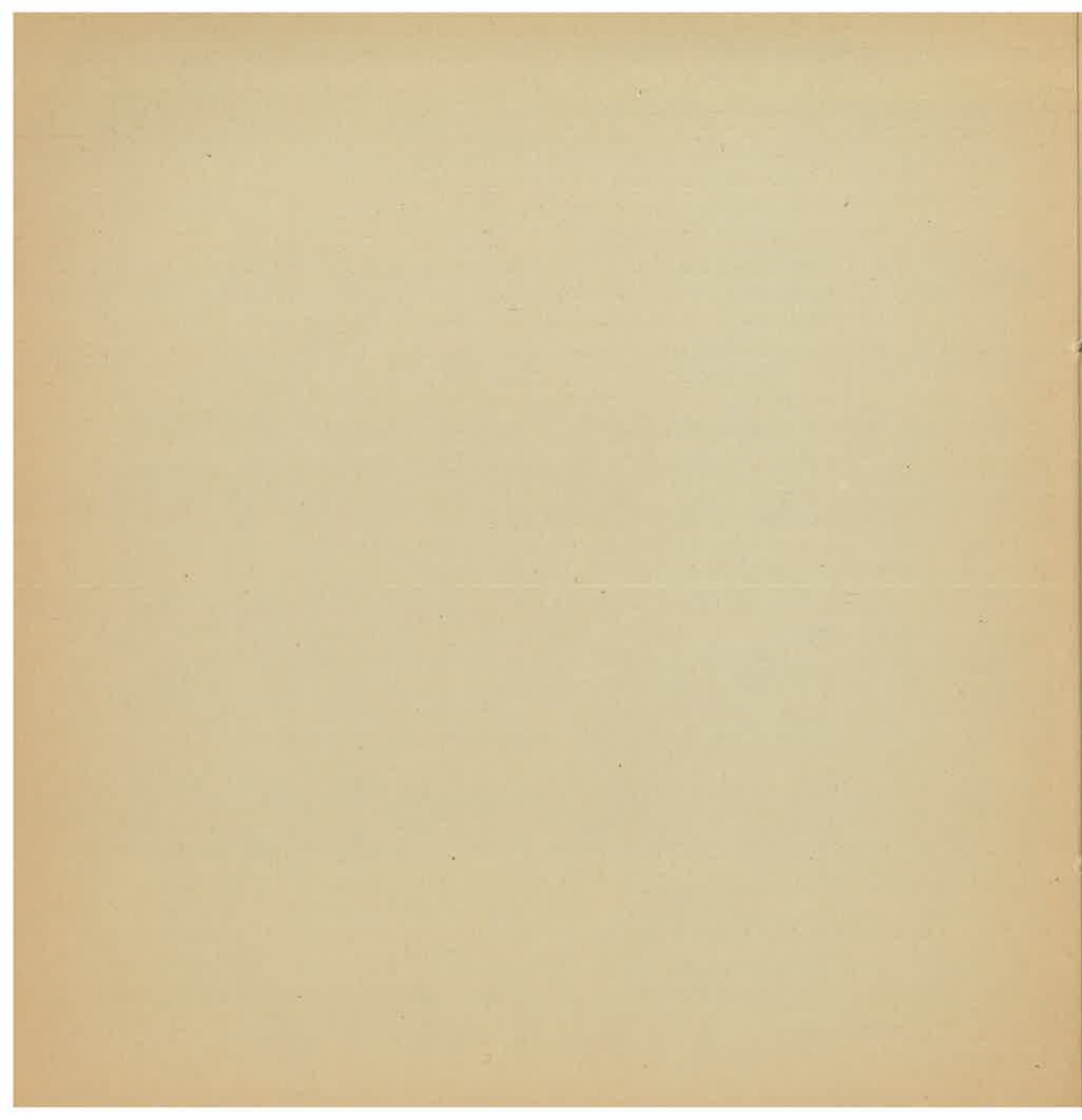
activo e muitíssimo importante ao conceder-lhes co-autoria em tudo o que se pode construir, criar, ou imaginar no capítulo do risco, da forma e da cor no mundo. Haverá quem fique chocado com a ideia de haver pintores-urbanistas e escultores-paisagistas, por exemplo, mas parece-me que será o único caminho para aproveitar eficientemente estes e outros técnicos dando-lhes assim oportunidade de diálogo com toda uma sociedade e não exclusivamente com as classes de dinheiro que compram e vêem as suas obras.

Julgo que de futuro já não haverá o culto da personalidade do Artista que ainda sobrevive mas sim que os trabalhos serão feitos por equipas (possivelmente com elementos altamente especializados) e o que é necessário fazer para abrir caminho a essas realizações é continuar com o ensino em comum das três artes, de todas as artes se possível, mas não, só na mesma Escola ou Universidade. Só com o ensino em comum de todas as cadeiras artísticas e de algumas de especialidade é que se conseguiria alcançar o ponto desejado.

Neste momento nada se faz nas Escolas de Belas-Artes neste sentido.

Quando o pintor e o escultor souberem ler um projecto e o arquitecto estiver em condições de compreender as buscas dos seus congêneres e aceitá-las sem inconsciência ou pedanteria, então conseguir-se-á uma plataforma de diálogo possível entre estes 3 técnicos que lhes permitirá criar obras em conjunto trocando o mito do Artista, que terá porventura morrido com Corbusier, pela esperança da cooperação na criação artística, caminho a todos os títulos salutar e cheio de promessas para a sociedade.

J. P. V.



LA POSITION DE L'ARCHITECTE DEVANT LES PROBLÈMES DE PRÉFABRICATION — STENDARDISATION, MODULATION ET D'URBANISME

La recherche spécifique à l'architecte : ses chemins.

Il est reconnu que l'ingénieur est plus apte à pourchasser la solution scientifique des problèmes du bâtiment. Je me propose de démontrer que l'orientation des travaux doit être faite par l'architecte et non, par l'ingénieur aussi étrange que cela puisse paraître. En effet je suis parfaitement d'accord avec Monsieur BLACHERE, quand il dit que c'est à l'architecte que revient la tâche de la création de l'immeuble, quel qu'il soit, dans son ensemble et, que c'est lui qui doit coordonner les tâches des autres techniciens.

Je m'étonne énormément que partant, de ce postulat, on puisse arriver à une position dans laquelle l'ingénieur est appelé à faire la loi dans le domaine du bâtiment.

Parce que c'est faire la loi que de diriger le C. S. T. B., d'intégrer toutes les commissions consultatives du Ministère de l'Equipement, de diriger toutes ces commissions et départements et de bannir tout architecte de ses commissions et départements, ministères, centres,

etc... Tout d'abord à la question :— est-ce qu'il y a beaucoup d'architectes dans des conditions requises pour ces travaux-là ? on répond par deux autres questions.

1° Est ce qu'il n'y en a pas ?

2° Qu'est ce qu'on fait pour les former, pour les mettre en conditions de remplir ces fonctions là ? les différents Ministères s'en sont déjà préoccupés ? Si on veut des preuves il suffit de voir ce que les ingénieurs on fait pendant qu'ils détiennent le pouvoir. Il est reconnu que c'est laid et pesant, enfin...

La spécialité architecte en tant que technicien est si importante et si poussée qu'on ne peut que caricaturer l'architecture toutes les fois qu'on met de côté l'architecte. Et j'ai déjà remarqué que les ingénieurs ne s'en rendent pas compte. Et c'est là qu'est l'axe du problème : les architectes ont déjà, depuis pas mal de temps, compris ce que c'est que la tâche de l'ingénieur alors que ceux-ci, dans leur ingénuité scientifique n'ont pas compris ce qu'est la tâche spécifique, capitale et irremplaçable de l'architecte.

On croit, même à Paris, que l'architecte est un facteur d'enchérissement des constructions. Je ne sais pas ce qui se passe en France. Au Portugal il y a deux ou trois faits qui peuvent contribuer à la formation d'une opinion généralisée de ce type, à savoir :

1° l'architecte reçoit comme honoraires un pourcentage sur le prix global final du bâtiment ;

2° l'architecte construit mieux et avec des matériaux et des procédés plus surs et pourtant plus chers ;

3° la formation de l'architecte.

On ne doit pas faire ici l'analyse de chacun de ses facteurs. Ce qu'il faut c'est savoir comment arriver à une plus rentable utilisation de l'architecte.

La question se pose : qu'est ce que les architectes entendent être leur droit ?

Pour commencer, il faut revenir sur la tâche de coordinateur de l'architecte ; tâche fondamentale, oubliée, méprisée, usurpée.

Il faut comprendre une fois pour toutes que :

Si c'est à l'architecte que revient la tâche de coordination, si en surplus c'est lui qui doit imaginer tout l'ensemble, donner des consignes précises aux autres techniciens, les mettre d'accord et les faire travailler dans le même sens, si c'est à lui de choisir le sens que doit prendre l'investigation, si intelligents que soient les ingénieurs, si compétents qu'ils puissent être et c'est surtout ce qu'on leur demande, ils ne peuvent pas penser ARCHITECTURE.

Il faut admettre que les architectes ne sont pas désormais un luxe. Il faut que les pouvoirs publics s'en rendent compte et qu'ils se mettent en conditions de faire faire aux élèves architectes les études nécessaires et urgentes qui les mettront en condition de remplir leur place dans la Société.

Qu'est ce que l'architecte fait de si spécifique et exclusif ?

C'est lui seul qui a la science de l'ensemble et du détail, que du même coup peut penser tout un ensemble et des détails qui caractériseront cet ensemble. C'est la science du choix. On peut bâtir tout un grand ensemble à partir d'un petit détail : on doit le faire, c'est de l'économie.

— L'amour du détail, son étude poussée envisagent non seulement sa rigoureuse solution technique, mais aussi sa plus belle solution plastique.

— l'amour de la surface, l'étude des matériaux nouveaux ou des procédés nouveaux pour enrichir les conditions d'ambiance si importantes,

— l'amour de la texture, (le jeu des différentes textures et couleurs étant aussi un des plus importants facteurs de l'influence psychique du bâtiment sur les hommes),

— l'amour des assemblages, des nuances, de l'enrichissement

de l'espace et de la forme, la dynamique des parcours ou des points de vue,

— le jeu savant des plans ou des volumes ; tout ce qui ne peut se faire avec la règle à calculer et les cerveaux électroniques ; tout cela c'est la science de l'architecte.

Encore une question :

Est ce que le travail de l'architecte peut s'accomplir sans l'aide d'autres artistes ? je ne le crois pas. LE CORBUSIER à démontré la nécessité d'intégration de la peinture et de la sculpture dans le bâtiment. Le fait que le génie de L. C. lui ait permis de faire de la Sculpture et de la Peinture avec son architecture ne revient pas à dire que les architectes doivent en faire autant.

L. C. à utilisé la Peinture et la Sculpture dans ses constructions de deux façons différentes : comme juxtaposition et complément, et comme partie intégrante de la conception et de la construction : la forme des bâtiments.

C'est sur cette nouvelle façon de faire de l'architecture et de l'urbanisme que je veux attirer l'attention.

Désormais le travail de conception, de contrôle des autres techniciens, les visites des chantiers, les études de détail surchargent énormément l'architecte.

Je crois acceptable une organisation du travail en équipe qui permette à l'architecte de laisser au peintre et au sculpteur la réalisation de certaines études qui jusqu'ici ne les concernaient pas.

On a cru au Mexique que la «socialisation», de la Peinture et de la Sculpture serait conquise en permettant aux artistes de décorer les lieux publics. On a reconnu ensuite que cela ne marchait pas. Je crois que la véritable place des artistes Sculpteur et Peintre dans la société est dans la création des objets de consommation — industrial design — et va jusqu'à faire partie des équipes qui projectent et construisent des bâtiments et font de l'urbanisme.

Le jeu et la texture des plans, son enrichissement par les effets de lumière, soit naturelle, soit artificielle, (Reportons-nous à l'importante contribution de ces artistes dans la création scénique), doivent être désormais les procédés de création, pour l'enrichissement de notre vie, mis entre les mains du Peintre et du Sculpteur.

C'est seulement en allant par ce chemin là qu'on peut donner à tout le monde et non seulement aux classes privilégiées l'opportunité de fruition des oeuvres du peintre et sculpteur qui conquièrent ainsi sa place dans la société contemporaine.

Cette démonstration intervient au cour de mon exposé pour donner aux personnes un peu détournées de ses problèmes et qui n'ont pas compris encore le rôle de l'architecte, une idée de la spécialisation dans sa spécialité.

Malheureusement le peintre et le sculpteur ne sont pas encore en très bonnes conditions pour pouvoir remplir ces fonctions là.

Il faut aussi donner une autre orientation à ses études. Jusqu'ici ce sont les élèves architectes qui apprennent quelques disciplines de dessin et de composition décorative. Désormais il faut que les élèves peintres et sculpteurs apprennent eux aussi quelques disciplines des cours d'architecture; celles qui leur permettront de bien dialoguer avec l'architecte en présence d'un plan d'architecture.

Il faut qu'ils apprennent à lire un plan.

Pour terminer mon exposé, je voudrais poser une question à Monsieur BLACHERE: est-ce qu'il y a parmi ses 110 scientifiques — chercheurs — ingénieurs du C. S. T. B. un qui puisse nous entretenir pendant dix minutes sur les conditions métriques de la création d'un espace? je m'explique; quelles sont les règles? est-ce qu'il y a chez vous des tables renseignant les architectes sur la création spatiale? je ne pense pas; se sont des matières du domaine de la sensibilité qui ne peuvent pas être codifiées, mais qui ne sont pas négligeables.

Permettez Monsieur BLACHERE que je ne sois pas d'accord

avec vous quand vous dites que par ce que les familles ont une constitution semblable on ne doit pas faire de quantités de projets différents.

Au fait pour Monsieur BLACHERE, avoir une seule femme et deux enfants revient à dire que cela donne virtuellement la possibilité de changes de maison avec un autre couple voisin qui a également deux enfants et une maison avec le même plan sans que ni l'un ni l'autre sentent une différence profonde dans leur nouveau habitat sous prétexte qu'ils trouvent chez leur voisin les mêmes meubles au même endroit.

C'est là votre erreur Monsieur BLACHERE ; par exemple les différences morphologiques entre les hommes et les femmes ne sont en plus grand nombre que les différences sensibles entre les deux familles constituées par un couple et deux enfants, alors si on veut avoir un même plan et une même maison pour les deux familles on à le droit de penser que sur le point de vue de l'habillement, par exemple, c'est nous les hommes qui allons désormais nous habiller chez Chanel ou les femmes qui se verront priver de tous leurs attraits de beauté et de mode ?

Je crois que si on veut limiter le nombre de projets d'architecture et des procédés de construction on va rendre les gens fous.

On doit permettre dans les ensembles de la souplesse et de la liberté pour que chacun puisse aménager son appartement en fonction de ses goûts et de ses besoins. Enfermer les gens dans des boîtes ce n'est pas faire de l'urbanisme.

Et pour que les plans soient aussi libres que possible sans pour cela abandonner la standardisation et la préfabrication il faut avoir recours à l'architecte : ce sera le seul moyen de garantir le peu d'agrément nécessaire à la vie de tous les jours. Et c'est déjà beaucoup.

J. P. V.

BOLSA DE ESTUDO — RELATÓRIO

ESTÁGIO : TÉCNICAS MODERNAS DA CONSTRUÇÃO

CENTRE SCIENTIFIQUE ET TECHNIQUE DU BATIMENT — PARIS

SEMANA — 7/3

O estágio teve início no Ministério da Construção, onde os estagiários de urbanismo e T. M. C., em conjunto, ouviram, ao ritmo de duas por dia, conferências de pessoas ligadas à Administração, sobre o sistema adoptado pelo governo francês no que respeita à urbanização, planos de equipamento e política fundiária. De uma maneira geral estas conferências não tiveram um interesse por aí além, tendo em vista a orientação e a especialização ; no entanto, os estagiários ficaram com uma ideia geral do método adoptado em França e, pelo menos, a crítica a esse método poderá conduzir a soluções mais satisfatórias que as expostas.

É facto reconhecido pelos próprios oradores que o sistema é ingénuo e complicado ; pode-se dar uma ideia do processo utilizado se se disser que os defeitos encontrados pela Administração no

funcionamento dos diferentes departamentos são corrigidos pela criação de outros departamentos destinados a assegurar as interligações dos pré-existentes. A complicação começa quando os assuntos não são típicos de um ou de outro departamento e, portanto, não sendo possível demarcar com clareza as fronteiras entre uns e outros, procurou-se remediar o problema com a criação de novos organismos encarregados de coordenar as actividades dos precedentes e de canalizar os processos de uns para os outros. Isto, quanto a mim, produz uma espécie de «inflacção de quadros» pois aqueles que fazem parte dos organismos coordenadores e de auxílio e compensação poderiam muito mais eficazmente ser aproveitados em tarefas de carácter mais científico e menos burocrático. Em todo o caso, o sistema usado como base da política fundiária é teòricamente interessante. Trata-se de criar zonas periféricas onde a construção não é permitida senão depois de ter sido elaborado um plano que conte, para os fogos previstos, com o equipamento necessário ao bom funcionamento da unidade e só depois de se ter posto em marcha o mecanismo que leva à construção e equipamento desses serviços de apoio é que os terrenos são vendidos com obrigatoriedade de ser respeitado o plano prévio de urbanização.

Para obviar à especulação com os terrenos nas zonas na proximidade daquelas a urbanizar, criaram-se outras em que não é permitido construir e que estão de quarentena durante um prazo mais ou menos longo mas, quanto a mim, insuficiente, pois aquele que mais vezes foi citado foi o de oito anos. Tudo seria muito bonito se fosse possível a criação de zonas envolventes das primeiras que ficassem cativas e que fossem subtraídas aos apetites das empresas que especulam com os terrenos. Verificada toda esta complexidade e reconhecida a sua inoperância, põe-se para a França, que julga ter um recenseamento preciso das necessidades das suas cidades, o problema de saber se conseguirá, sem recorrer à municipalização dos terrenos

preconizada pelos partidos da esquerda, equipar as suas cidades de modo a que as construções — sejam elas para habitação ou para equipamento — estejam prontas na altura em que vão ser necessárias. Para já, a verba destinada ao Ministério do equipamento é de 4 % contra 11 % para a defesa e 25 % para a educação, do orçamento geral do Estado francês; mas a maior parte das operações necessárias à execução do programa são morosas: há as expropriações, ou o que para nós corresponde às expropriações (porque o processo é muito diferente e complicado), há o plano a realizar, há as vias e o equipamento de água, luz, esgotos, além dos centro de comércio, da vida social e das escolas, e há todo um complicadíssimo sistema de subsídios e de empréstimos que, passando de uma a outra e depois a outra e mais outra instância, não podem demorar mais que a própria construção.

O prazo para o empreendimento em cada uma das zonas a urbanizar por prioridade será, desde a escolha do terreno ao final da construção, de cinco a seis anos. Ora, os empréstimos a longo prazo são difíceis de conseguir e contrários à mecânica da banca. Em França os bancos são de um modo geral do Estado mas do mesmo modo é difícil conseguir empréstimos a longo prazo num montante tão elevado. Daí as campanhas orientadas para levar o francês médio à poupança e ao depósito das suas economias nos bancos. Mas há mais: A MÃO-DE-OBRA — 10 % da mão-de-obra da construção civil não é francesa (números oficiosos — não comprovados pela minha experiência pois sempre encontrei a quase totalidade de operários de nacionalidades estrangeiras) e estes emigrantes precisam de instalações convenientes. De momento não há solução que satisfaça e começam a aparecer os «bidonsvilles» em situação mais ou menos de instalação permanente.

Um dos exemplos que mais me interessaram, se não o único, no capítulo das novas urbanizações, foi o conjunto de quinhentos

fogos de Creteil, do Architecto Paul Bossard. Os blocos têm rés-do-chão e cinco andares, sendo o rés-do-chão ocupado pelas entradas e pelas arrecadações dos diversos locatários. Nos andares os apartamentos têm programas diferentes, conformes com as leis para as habitações de renda moderada (H. L. M.). O conjunto dos edificios é construído em betão com forro em painéis pré-fabricados de betão. Estes painéis são pré-fabricados no local. As juntas de assemblagem dos painéis são resolvidas sob a forma de encaixes; a madeira tanto interior como exterior, é o pinho de flandres—de muito boa qualidade—e as janelas têm como protecção simples toldos de lona. Todos os elementos de betão que são visíveis são aparentes (não têm acabamento especial) e aqueles que constituem as cornijas e os que marcam a separação dos vários pisos ou mesmo o soco, são pré-fabricados, tendo alguns deles incorporadas pedras de xisto de dimensões médias que constituem a única decoração existente em todo o conjunto. O engenho do detalhe dos encaixes, dos remates e dos perfis são os únicos elementos plásticos adoptados.

Tive ainda, nesta primeira semana, a oportunidade de encontrar pessoalmente Bossard e de visitar Creteil que tem muito mais construções recentes sem, no entanto, haver mais nenhuma digna de nota.

A personalidade de Bossard é extremamente interessante e tive a sorte de poder conversar com ele no seu atelier onde vi alguns dos seus trabalhos, todos debaixo duma orientação que me pareceu muito justa e que assenta no reconhecimento da crise que atravessa a indústria da construção e do seu encarecimento. As ideias bases de Bossard são simplificação, repetição da estrutura e variação nos planos de enchimento, supressão de tudo o que for supérfluo ou deixou de ter razão de existir, sistematização.

2.^a SEMANA

Iniciaram-se os trabalhos no C. S. T. B. Houve três palestras, sendo uma de um dos altos funcionários do centro, explicando o funcionamento e a orgânica do C. S. T. B. e as outras duas do próprio director do centro, Sr. Blachère.

Nos últimos dois dias da semana foram realizadas três visitas, sendo a primeira à estação experimental do centro em Champs sur Marne e as outras duas a institutos de carácter não oficial, subsidiados pelas empresas de construção ou pelas fábricas, e que investigam, tanto um como o outro, o comportamento dos materiais, no interesse do produtor ou do construtor, pretendendo anular os defeitos de fábrica de comportamento específico dos materiais, ao mesmo tempo que ensaiam elementos repescados nas fábricas.

O Sr. Blachère falou-nos dos problemas levantados pela distribuição das zonas a urbanizar, de carências que a França sente de momento, dos planos para atender às necessidades. Forneceu alguns números :

5 000 000 de alojamentos em muito mau estado em França. Construíram-se no ano passado 410 000 alojamentos (habitações). Seria necessário construir 700 000 habitações por ano até 1986 para que nessa data houvesse 20 000 000 de habitações em condições de satisfazerem, nesse momento, as necessidades do país. Desses 20 000 000, 16 000 000 já existem neste momento mas calcula-se que 10 000 000 não estão em condições ; portanto, daqui até à data limite — dando um prazo de vinte anos — ter-se-ia de construir 14 000 000 de habitações ou recuperar uma parte das que de momento não satisfazem. Segundo essa ideia de recuperação de parte das habitações em mau estado, das 70 000 em cada ano 200 000 seriam recuperadas e as restantes novas. Atendendo a que o preço da recuperação média é aproximadamente de um terço de uma construção nova, sem entrar em

linha de conta com todas as despesas de urbanização e de equipamento, verifica-se que a recuperação, por estas contas, é um bom negócio para o governo. Dos 10 000 000 de habitações em mau estado metade é recuperável o que, para um programa em vinte anos, dá por ano 200 000 habitações a recuperar.

Mais números: cada habitação consome, em média, 1 200 horas de trabalho de operários; a mão-de-obra é de 1/3 do custo total do apartamento.

No meio da semana ainda tive tempo de ir à exposição Corbusier no pavilhão Marsan, e ao Museu de Artes Decorativas onde estava uma exposição sobre a Bauhaus, Stijl, etc.

As visitas realizadas foram de um modo geral interessantes e tiveram como interesse marginal a constatação de que aqueles que trabalham em laboratórios de investigação têm muito menos de quarenta anos e que a maioria das máquinas e aparelhos são electrónicos ou, não o sendo, são de altíssima precisão. Por outro lado fiquei com a impressão de que as pessoas sabiam muito bem o que estavam a fazer.

3.^a SEMANA

Fizeram-se visitas a algumas firmas produtoras de grandes painéis. Uma das fábricas tinha sido montada nas proximidades do estaleiro para produzir 800 habitações, ao ritmo de uma por dia — colocação incluída. Numa outra, o ritmo é de quatro por dia. Em todas, os painéis são fabricados com o sistema de aquecimento dos pavimentos incorporado, assim como os condutores de electricidade.

As conferências foram exclusivamente dedicadas aos grandes painéis, mas infelizmente foram exclusivamente proferidas por engenheiros, o que reduziu o interesse da matéria para os arquitectos presentes.

Nesta semana tive a oportunidade de assistir, no grande auditório da Unesco, aos dois dias de trabalhos sobre «Habitat et Urbanisme évolutifs» promovidos pelos estudantes da escola de «Travaux Publics». Falaram, além dos homens do governo — o Ministro inclusivé — Jean Prouvé, Maikovski e Weber na primeira sessão. Maikovski é professor no «Space Structure Research Center» e Weber na «Technische Hochschule» em Hannover. Prouvé é o famoso industrial dos painéis leves de grande formato. O tema desta sessão foi: «Utilização racional das técnicas actuais».

Na sessão seguinte, sob o tema «Urbanismo evolutivo — uma realidade», falaram, além dos fatais homens da Administração, os architectos Candilis e Shein. Todas as intervenções citadas tiveram um alto interesse, pois pela primeira vez ouvi falar em assuntos que secretamente me preocupavam há já alguns tempos. Por exemplo: a propósito do urbanismo, o Sr. I. Shein colocou de uma maneira muito precisa o problema da família, da sua necessária evolução e portanto da fatal enorme importância que representa para o urbanismo. Infelizmente, talvez para tornar mais clara a sua exposição, não focou claramente o facto de a moral tradicional estar caduca, já não ser utilizada por ninguém e não haver nenhuma outra que se lhe substitua. Realmente é este, quanto a mim, o grande problema do urbanismo — e não só do urbanismo. Para que serve estarmos a construir grandes conjuntos, urbanizados dentro do conceito antigo caduco, se as pessoas dentro de dez anos não conseguirem adaptar a sua forma de viver ao que nós construímos? Por outras palavras: temos que substituir todo o sistema que assenta sobre a domesticação de pessoas para o serviço de outras pessoas de que ainda há exemplos, por uma organização de serviços de carácter colectivo que podem ir até à escola permanente, o que se traduziria pela separação in facto das crianças do agregado familiar pelo menos durante períodos assaz longos. Mas o que é melhor? — que as crian-

ças sejam educadas pelas criadas ou que elas sejam educadas por um organismo responsável e, em princípio, eficiente ?

Organismo esse que não deve dar orientação definida num sentido determinado, mas sim preparar a criança para que ela própria pouco a pouco defina a sua personalidade pelas opções que vai fazendo. A minha experiência diz-me que a personalidade se define muito antes da maioridade e que desde muito novas as crianças dão sinais das qualidades e defeitos que definem a sua personalidade ; simplesmente a falta de experiência e o temperamento infantil dão outro tom ao seu comportamento. A experiência é mais ou menos longa a adquirir e é, quanto a mim, o papel do pedagogo, em condições normais, fazer que um máximo de experiência seja acumulado o mais cedo possível de modo a que certos erros fundamentais da nossa geração sejam anulados. Portanto, o jovem deve estar preparado para receber os choques da novidade em condições de tirar as suas próprias conclusões de uma maneira positiva e construtiva, mas nunca de modo a ficar diminuído e complexado. As famílias não devem condicionar o tipo de reacção dos jovens ; o jovem deve ser livre para escolher o seu caminho desde que o preparem para isso sem o induzirem num determinado caminho ou hábito, que é o que acontece nas famílias.

Acabei, nesta semana, de escrever um texto que me foi solicitado para o seminário a realizar em Abril.

4.^a SEMANA

Betão banchê : ouvimos várias palestras sobre este processo e fomos visitar alguns estaleiros onde várias técnicas diferentes são usadas.

Tivemos, pois, a oportunidade de olhar para o processo fran-

cês de pré-fabricação pesada do lado de dentro. Devo dizer desde já que não correspondeu à expectativa.

Considera-se ainda que o architecto, porque quer fazer bonito (!!!), é mais caro e os architectos franceses, dos piores do mundo, não conseguiram, evidentemente, uma posição de prestígio e de aceitação como técnicos. Os projectos são, portanto, virtualmente iguais, sem imaginação, sem procura ou sem preocupações de ensaio de programa ou proposta de soluções novas. Os architectos franceses são os alfaiates do urbanismo francês e o urbanismo é feito nas secretarias do Ministério. Quanto aos processos técnicos em si, para além do tempo que economizam, têm muito pouco que possa ser mantido nos próximos anos, a não ser que se tome a indústria da construção como mais uma das que põem no mercado a sua produção sem atender às necessidades reais do consumidor mas atendendo ao capital investido e aos dividendos correspondentes.

5.^a, 6.^a e 7.^a SEMANAS

Foram cortadas pelas férias da Páscoa, de modo que só tive dois dias de trabalho na primeira e última semanas. Por outro lado, tanto nesses dias como na 8.^a semana, destinada à construção ligeira, fui prejudicado pelas greves. Viagem ao Este.

8.^a SEMANA

Os painéis ligeiros são, de um modo geral, realizados em gesso. As fábricas que visitamos deram-nos uma ideia das possibilidades do material mas como não tenho grande convicção que o gesso possa vir a ser uma das soluções a encarar, pois é frágil e putrescível —

em determinadas condições — limitou-se a informação desta semana a abrir-me os olhos para as reais qualidades do material, quaisquer que sejam as suas limitações.

Entretanto, dadas as facilidades oferecidas pelas greves e pelas férias, tive tempo para visitar alguns ateliers de architectos com quem conversei demoradamente sobre problemas da profissão. Num deles li a obra de Daniel Chenut sobre o habitat evolutivo (que lhe deu, em Harward, o título de urbanista). É uma obra cheia de interesse, que sugere soluções razoáveis para os problemas da architectura e do urbanismo e que tem o mérito de continuar com nova orientação os estudos de Corbusier. Assisti a um seminário sobre sociologia urbana. Também consegui contactar com gabinetes de architectura e urbanismo que ensaiam há 5 anos equipas pluridisciplinares.

No dia 15 de Abril — 7.^a semana — entreguei o meu escrito para o seminário que terá lugar durante a nona semana.

(Anexos :).

Enfim, há duas semanas — escrevo no meio da nona — que se começa a sentir um certo cansaço e um abaixamento do interesse do estágio ; será que a informação recebida já influenciou o nosso juízo ?

Ouvi uma conferência do professor Chombard de Louwe sobre o equipamento urbano e as novas zonas residenciais.

9.^a SEMANA

Tivemos uma conferência sobre a cor na architectura, que me interessou. O conferencista foi pintor e trabalhou no atelier Leger. Exemplos bem escolhidos para dar ideia dos pontos de partida e do método de trabalho.

Depois chegou o seminário que me deixou desiludido porque

não foi possível transcender o campo das reivindicações de classe e das generalidades.

A crítica, se se pode chamar crítica à constatação de um facto, mais forte que se fez ao sistema posto a funcionar juntamente com a pré-fabricação, foi que ao fim e ao cabo os architectos continuam a projectar em tradicional, entregando depois o projecto a um gabinete de estudo para adaptação ao sistema de construção adoptado. O architecto francês, pelo menos aqueles de que se vêem as obras (e eu não sei ainda qual é a percentagem dos architectos que regularmente trabalham para o Estado), é muito fraco. Chegou-se pelo menos à conclusão de que ele se vende para poder realizar o trabalho e, dizem, ganhar a vida.

Acertou-se também em que a pré-fabricação realiza os seus primeiros passos e que se espera um novo rumo. Não conseguimos chegar a acordo quanto ao caminho que ela deveria tomar por o director do seminário preferir a investigação sem ideia inicial de caminho, preferindo eu um fundo ideal, sob o ponto de vista de ideia pensada mas não comprovada, que viria a ser o fio condutor de um caminho e de uma atitude perante o problema. Mas não convinha ao Sr. Blachère aceitar essa ideia, pois que a aceitá-la teria que aceitar também que seriam os architectos quem contruiriam o trabalho filosófico de base necessário a qualquer experimentação, para o caso da pré-fabricação, e isso seria um desprestígio para os engenheiros, que passariam a ser simples auxiliares dos architectos (convém abrir aqui um parêntesis para dizer que consideramos isto tudo sem nexos, pois é por demais evidente que se é o architecto quem concebe os edificios, será naturalmente a ele que competirá dizer o que é o problema com que se debate e quais as suas necessidades); de qualquer modo, descobri que no Centro trabalham duas centenas de engenheiros e dois architectos, o que quer, pelo menos, dizer que lá se sabe muito pouco do que os architectos pensam e desejam.

Foi na 8.^a semana que conheci G. Maurius, antigo colaborador de Corbusier em Chandigarh, que tem um estudo, na linha do de Chenut, mas de carácter prático, de um processo de construção com elementos pré-fabricados. Aquando do seminário o director do Centro não quis interessar-se por este trabalho que lhe mostrei com o pretexto de que todos os trabalhos de arquitectos carecem de base científica, não considerando portanto como importante o ponto de vista do arquitecto e desconhecendo ao mesmo tempo todos os valores humanísticos com que neste momento o arquitecto trabalha, isto é, sociológicos, psicológicos e outros.

Chegou-se a decretar que as habitações em duplex seriam banidas porque são mais caras como solução do que outras que não tenham dois pisos e tanta área. Não importa fazer um estudo completo antes de deitar fora esta solução, para saber se é possível, compensando noutros pontos, os materiais de prestígio por exemplo, fazer a construção de duplex sem gastar mais dinheiro? Em vez de se estudar onde devemos ir compensar o encarecimento provocado pela escolha do partido arquitectónico, classificam-se os partidos por ordem crescente de custo e põem-se de fora os mais caros que são, por acaso, alguns dos mais livres e susceptíveis de satisfazerem melhor as necessidades. É a política dos indigentes mas não é uma política inteligente e séria. Não tenho dúvidas de que o que se deveria fazer seria o contrário, isto é, classificar os partidos arquitectónicos tendo em vista a sua qualidade e capacidade de resolver convenientemente o problema, isto é, de proporcionar aos utentes, além de um bom funcionamento, um bom espaço que teria a qualidade de nos melhores casos ser maleável e constantemente adaptável às necessidades do agregado. Punham-se de fora aqueles que não tivessem um mínimo de qualificação e seria a partir dos que restassem, fossem eles os mais caros, que se faria a programação.

10.^a SEMANA

Viagem ao Sul, Toulouse e Albi.

Não tendo podido fazer parte dos viajantes por estar doente nos primeiros dias, logo que melhorei fui ao Centro consultar alguns engenheiros sobre algumas dúvidas que me ficaram das palestras anteriores. Tive assim a possibilidade de ter uma sessão de trabalho extra sobre o método de análise dos custos dos componentes de um imóvel. Seria muito útil que houvesse pessoa interessada em realizar o mesmo trabalho para o nosso país, de modo que os architectos pudessem projectar com um conhecimento preciso dos preços dos elementos da construção em causa bem como com uma ideia clara do tipo de despesas que acarreta uma solução determinada. O estudo vai ao ponto de analisar minuciosamente todos os partidos possíveis e valorizá-los em função do preço de custo de modo que o architecto passa a poder optar quando da fase de concepção, com conhecimento das implicações de preço que a sua solução acarreta, pois que até aqui a única informação que tem é a que lhe é fornecida pela experiência, que é o mesmo que dizer pelo acaso.

11.^a SEMANA

Começou uma época má para o estágio : os programas previstos não foram cumpridos integralmente, os conferencistas nem sempre conseguiam prender a nossa atenção ; embora sempre pessoas de nível aceitável e conhecedoras das matérias, entravam pela descrição das leis e regulamentos e os aspectos de carácter técnico que viemos procurar ficaram de lado. Sente-se que os conferencistas que são investigadores do centro não acreditam neste trabalho que lhes é confiado ; o nível das conferências é geralmente terra a terra e, com

medo de cair em detalhes muito indigestos para o auditório, os conferencistas não saem das linhas gerais, regulamentos e mínimos aceitáveis.

Acabámos por ter uma conferência que ilustra muito bem todos os reparos que tenho vindo a fazer à organização do estágio e do próprio centro: foi uma conferência sobre sociologia da habitação, realizada por um dos engenheiros da casa. Quando no fim da conferência perguntei ao conferencista porque é que até para a sociologia se recorria, no C. S. T. B., a engenheiros, ele respondeu-me que é porque em França os únicos que trabalham são os engenheiros. Não obstante, eu sei que em estágios anteriores têm sido chamados sociólogos, nomeadamente o professor Chombard de Louwe. Ora, é aqui que o problema toma o aspecto mais grave pois, não obstante as enormes qualidades do conferencista, esta conferência não interessou ninguém nem mesmo os engenheiros presentes, visto que, por definição ou deformação profissional, os engenheiros não conseguem integrar-se no pensamento mais vago e filósofo requerido pelas humanidades. Aqui está o ponto onde podemos tirar as nossa conclusões: se aos engenheiros cabe uma parte importante na descoberta de novas técnicas e de novos caminhos para o habitat será, no entanto, como investigadores e com um programa prévio fornecido pelos homens das humanidades, e ao arquitecto caberá a tarefa de servir de ligação entre os humanistas e os investigadores, pois ele é muito mais apto que o engenheiro para compreender e integrar as equipas das humanidades, que me parecem ser aquelas que afinal têm a verdadeira formação necessária para programar a longo e a curto prazo.

12.^a SEMANA

Duas conferências sobre o emprego da madeira ilustradas com diapositivos interessantes.

Férias, a partir da tarde de 4.^a até 2.^a, aproveitadas para ver obras de arquitectura e para ir a Londres visitar o British Center e o architecto Erno Goldfinger, tendo também visitado, no último dia em que estava aberta, uma exposição de materiais de construção e dos respectivos processos de montagem.

Das visitas às obras de arquitectura terei que notar a casa Charreau do Dr. Dalsace, 31 rue St. Guillaume. É o primeiro exemplo de habitat móvel sobre o qual tanto falei aos meus colegas franceses, nomeadamente D. Chenut e G. Maurius. Há quase três semanas que tinha marcada a entrevista, que foi uma das mais importantes de toda a minha estadia em Paris.

13.^a SEMANA

A última do meu estágio em Paris.

Estavam previstas três conferências mas só uma delas teve lugar. Realizaram-se mais duas extra sobre a análise dos custos, já aqui referida.

Antes de partir para a Alemanha tive a surpresa de receber uma carta da Fundação informando-me que a minha Bolsa tinha sido aumentada para o quantitativo que sempre tiveram os bolseiros que não fossem de Belas-Artes e isto com motivação no encarecimento do nível de vida, de há uns anos para cá, nalguns centros estrangeiros, nomeadamente Paris. Tem graça notar que os três bolseiros que encontrei no dia seguinte numa rua de Paris e que aí permaneciam há vários anos ou meses tinham recebido também naquela altura o cheque mas sem alteração de verba. Será que a vida não encarece em alguns centros estrangeiros igualmente e para todos?

ALEM ANHA

Hannover — Apresentei-me ao professor Tribel; tive a sorte, pareceu-me, de a minha cara lhe agradar.

Apesar de cansado, a minha curiosidade leva-me a andar horas e horas pelas ruas, a horas diferentes e em dias diferentes, para ver o comportamento das pessoas, o seu modo de viver, as suas manias. Parece que começa a germinar, lá no fundo, uma ideia a respeito das cidades e da responsabilidade do architecto e do urbanista. Contrariamente às tendências actuais, parece-me que, posta de parte a formação escolar, a verdadeira formação se consegue no convívio com as pessoas, na observação do seu modo de comportamento, das suas necessidades, isto é, passeando na rua. Isto para os cientistas, e tenho a confirmação, é a maior das barbaridades. Mas para mim é talvez a grande fonte de entusiasmo que constantemente me lança com paixão no trabalho, por mais cansado e desiludido que esteja. Podemos nós desejar que o architecto seja dentro dos técnicos um engenheiro de segunda categoria? Será que a tendência para cientificar a Architectura tem algum fundamento? Será que o architecto transformado num outro engenheiro pela sua formação não morre como artista, como poeta, como humanista? Será que é preciso que ele morra para todas essas disciplinas do sonho? Convém ao mundo que os homens que decidem do seu habitat sejam em maior quantidade e importância frios cientistas? Como poderemos nós desejar que desapareça do Mundo toda a capacidade de sonhar, toda a harmonia dos espaços à escala do homem? Será que a nova estética tem que, forçosamente, ser à escala interplanetária e com aferição pela sensibilidade (nenhuma) desses outros sonhadores que são os cientistas? Teremos nós que sobrevalorizar a técnica do architecto e menosprezar a sua arte?

Para o architecto a técnica tem o mesmo papel que para o pin-

tor ; assim como para se ser pintor o mínimo que se pode exigir é que saiba do seu officio e portanto que tècnicamente seja irreprensível — veja-se toda a pintura moderna que assenta toda numa perfeita segurança tècnica sem falha em nenhum caso e sem que por isso se faça sobressair um ou outro pintor pela simples razão de ser um bom tècnico de pintura, de saber pintar sem falha — assim para o architecto que necessita do domínio da sua tècnica para poder através da sua obra expressar aquilo que tem lá dentro. Em Londres vi mais um grande pintor que tècnicamente é da craveira de um Goya ou de um Picasso : Turner. Em 1850 já Turner era impressionista, expressionista e informal, tinha uma segurança tècnica extraordinária, mas é a sua pintura que nós admiramos e amamos ; quando amamos um quadro não estamos a pensar que ele é tècnicamente muito bem realizado, podemos depois insistir em que ele é bem pintado e com isso reconhecer o veiculo utilizado pelo pintor para nos impressionar, mas o sentimento é, em primeira análise, independente do poder tècnico, embora pareça difícil que sem esse poder se consiga impressionar aquele que olha o quadro.

Tècnicamente e no que respeita à pré-fabricação, os alemães não estão à frente dos franceses ; embora tenha visto melhores máquinas, os processos utilizados ou são franceses ou dinamarqueses. No que respeita ao nível médio da architectura é incontestavelmente superior ao francês. Conheci duas das três cidades reconstruídas totalmente a partir de novos planos. Hannover e Kassel ; Kassel é mais pequena que Hannover, tem uma escala mais simpática e fugiu à tentação do urbanismo à lá Luís Philipe. Hannover é mais ambiciosa e menos íntima. Ambas têm várias zonas, quer residenciais quer comerciais — em maior número — cortadas do trânsito automóvel e situadas no centro da cidade. Visitei a fábrica Okal de painéis leves de madeira aglomerada.

Fui a Berlim onde vi as realizações em curso, entre as quais

algumas zonas residenciais construídas segundo técnicas que em princípio deveriam interessar-me. De um modo geral os alemães têm três métodos para construir: num dos extremos está a mecanização no estaleiro, isto é, o betão moldado no local; no outro extremo está a mecanização na fábrica, isto é, a pré-fabricação; no meio está a racionalização dos processos tradicionais baseada no estudo de materiais e de dimensões no sentido de conseguir melhor rendimento.

Parece-me que na Alemanha há menos falta de mão-de-obra, pois vêem-se alemães a trabalhar nas estradas, coisa que é impossível de ver em França, isto é, não se vêem franceses a trabalhar nas estradas nem sequer nas fábricas. A mão-de-obra é espanhola, italiana, norte africana e portuguesa.

Em Berlim vi a Philharmonia do architecto Hans Scharun, mais uma cidade radiosa (a terceira que conheço) e o bairro Hansa com blocos de Niemeyer, Aalto e outros.

Embora Berlim seja uma cidade suja pareceu-me simpática e as pessoas descontraídas. Foi em Berlim que vi pela primeira vez uma auto-estrada atravessar o centro da cidade e vi praças onde todos os edifícios tinham nível muito elevado. De uma maneira geral a técnica usada na Alemanha é um casamento entre a pré-fabricação de pavimentos e das fachadas — que nesse caso são cortinas com estrutura de ferro. A cidade é bem equipada de parques de estacionamento e o trânsito é muito melhor que em Paris.

Chegada a Hamburgo para detestar imediatamente a cidade, embora tenha encontrado edifícios interessantes. Visita da câmara municipal, visita de três estaleiros onde foi usada a pré-fabricação e onde encontrei pedra que devia ser importada de Portugal; os processos eram o Camus e um processo dinamarquês.

Em Berlim, visita da Kunst Akademie bem como da homónima em Kassel, com secções de gravura, desenho, arquitectura, tecidos, desenho de moda, móveis, ilustração, fotografia. Era fim de semana

e estava perto da Dinamarca, de modo que fui a Copenhaga onde vi dois exemplos de zonas residenciais.

HOLANDA

Amsterdã é uma das mais belas cidades que conheço.

Visitas aos museus, às zonas residenciais periféricas e às construções mais representativas.

No museu municipal vi uma exposição de cadeiras que abrangia 50 anos de criação destes móveis. Aí encontrei (pessoalmente) quase todas as cadeiras de renome e muitas dezenas de peças que desconhecia, principalmente de origem nórdica.

Visitei a Academi Bouwcnunst, onde encontrei uma exposição sobre Paris com maquetas, planos, fotografias. Lembro-me agora que não referi a minha visita a uma exposição de construção em Berlim. Nas vezes seguintes em que voltei ao museu de Arte moderna encontrei modificações nas salas. Pude assim ver quadros que não estavam expostos das outras vezes, por exemplo: Cobra, Stijl e as «recherches» de 1900 até aos nossos dias. Fui a Haia ver uma maravilhosa exposição de Vermer.

O arquitecto Erico Hartsuyker indicou-me um sinal — o autor não quer chamar-lhe escultura — que marca a entrada de um parque em Amsterdã. Gostei e decidi telefonar ao autor para marcar um encontro; trata-se de Constant, pintor que viria a ter uma certa importância para mim durante esta minha estadia na Holanda. Voltei mais duas vezes a casa de Constant — sempre acompanhado pelo pintor Jorge Pinheiro, com quem, de resto, acompanhei durante toda a minha estadia em Amsterdã — sob pretexto de mostrar alguns diapositivos do pintor Ângelo de Sousa e de ver diapositivos da nova Babilónia de Constant. Como me tinha prevenido Hartsuyker, as

ideias de Constant são ainda mais interessantes que a sua obra. Trata-se, falando das suas ideias, de um novo conceito da Vida, que para mim teve capital importância na medida em que tem implícita uma moral nova — adoptada pelos Provos. Não sei porquê, sempre que estive em contacto com a parte do seu pensamento dedicada à Nova Babilónia, senti do mesmo modo o Homo Ludens de Constant, que o homem pré-histórico. Será que sendo o homo ludens um nómada que o sinto do mesmo modo que o seu antecessor? A teoria assenta no postulado segundo o qual o homem, tendo dominado a natureza pela máquina e tendo-se libertado da tirania desta, não necessita mais de adoptar os sistemas que criou para se defender de uma e de outra. Assim, a vida em sociedade, por necessidade de defesa e sobrevivência, deixa de ser necessária de modo que a subsistir qualquer tipo de vida neste género seria por vontade exclusiva das pessoas e não por imposição de qualquer ordem. Assim, vê-se posta em questão toda a problemática da nossa vida de pobres unidades dentro da sociedade e antevê-se uma abertura para um novo individualismo regido por nova moral. Partindo do postulado e admitindo o individualismo como uma consequência, o homem passa a ser nómada — retomando uma das características do seu antecessor pré-histórico — sendo nómada o novo tipo de vida implica novas relações entre indivíduos. Também o quadro geral se modificará, pois certo tipo de bens de consumo e outros deixarão de poder ser produzidos.

Abre-se o horizonte para uma nova vida nómada desligada do lugar da família ou do clan. Será possível o aperfeiçoamento a tal ponto? Será que o homem poderá jamais reencontrar-se na medida em que não se sente uma pècinha necessária da grande máquina mas, como o seu antecessor, se vê face ao mundo só e livre de movimentos e de preconceitos? Evidentemente que não pretendo fazer qualquer comparação entre estes dois homens tão diferentes mas o facto de um

ter dominado a natureza ao ponto de, vivendo, a ir transformando e do outro ter de se submeter a forças desconhecidas mas sempre livre e disponível, afasta-os muito? Sinto de qualquer modo o homo ludens como o ser liberto de todas as peias criadas — por poucos — desde o seu antecessor. É uma moral do indivíduo e não da colectividade, que elimina pelo menos todos os factores «de interesse» que subsiste na moral agora caduca. Portanto para mim e deste ponto de vista é progressista. Altíssimamente. Será necessário dizer que nada impede o homo ludens de ter família e de viver num lugar fixo? — basta para isso que ele o queira. Mas será necessário acrescentar que a partir de determinado momento não creio que ele pense nisso ou tenha essa necessidade?

Profundamente impressionado por Constant, fui a Rotterdam ao Bouwcentrum visitar uma sala experimental realizada por uma equipa de que ele fez parte. Trata-se de um espaço tratado de maneira que um adulto possa tornar a experimentar um sem-número de sensações perdidas desde a infância. Corredores de 0,90 de altura (de gatinhas, senhor Doutor), ambientes de luz e sombra, espelhos — poucos e numa zona bem definida, plataformas a várias alturas, um espaço em que a pessoa pode escolher o lugar que lhe convém segundo o seu temperamento e o seu ambiente psicológico do momento. Foi uma das razões que me trouxeram ao estrangeiro, saber o que se estava a construir de novo e o que se estava a pensar de novo.

Exposição Cobra no museu de Rotterdam. Aí compreendi porque é que não se pode fazer nada de geito no nosso país enquanto estivermos incomunicáveis. Fui ao atelier do pintor Wagmaker e ao do escultor e escritor Jean Wolkers. Vi um sem-número de bairros na periferia de Amesterdam, de blocos isolados, de escolas. Vi o museu Kroler Muller de Van der Velde, o pavilhão para escultura de Ritveld, o pavilhão da exposição de escultura ao ar livre Sonsbek de Aldo van Eyck, a escola de Belas-Artes de Arnem de Ritveld,

uma outra escola em Amesterdam também de Ritveld, do outro lado da rua uma instituição para crianças de van Eyck. Obras várias de Hartsuyker, boas, de Warners que também conheci, e centenas cujos autores me ficaram desconhecidos.

Nível médio da arquitectura, superior aos outros países que visitei. Preparava-me para ir ver as fábricas quando estas entraram em férias.

Bouwcentrum, mais uma pequena desilusão. Nem sempre as portas a que fui bater eram as indicadas, nem sempre as pessoas se ocupavam daquilo que me interessava, o que, para não fazer feio, me obriga a chamar toda a minha imaginação para preencher o tempo de que dispomos. Assisti, no quadro do Holand Festival, a uma representação do Polish Laboratory Theatre, ao Labirinto de Peter Sachs, pela ópera nacional, a um concerto de música de câmara pelo trio Beaux Arts.

Que é que aprendi durante estes meses?

Aprendi bastante nas ruas da Europa. Vi as pessoas viver de maneiras diferentes. Descobri as particularidades de cada povo, o seu grau de cultura e as suas manias. Como é que «eles» vivem? De que se servem? Como se servem? Que lhes falta? Falta-lhes, escandalosamente, equipamento urbano, falta-lhes área nas casas, falta-lhes uma vida de relação ao nível da colectividade, falta-lhes um bom urbanismo, óh pobre França! falta-lhes uma técnica que seja voltada para o futuro.

Fiquei finalmente com uma ideia muito precisa daquilo que procurava. Vinha procurar coordenadas e tenho-as. Poderei esperar acompanhar a evolução ou esta situação não se pode manter? Poderei ao menos continuar a perceber o que se passa — caso tenha disso conhecimento? — Vou para Portugal e a porta fecha-se; lá todos somos tipos formidáveis — se não temos ninguém com quem nos comparar. Mas a porta tem o tamanho e a espessura da meseta; será

que se pode respirar em Portugal o ar que circula nestes centros? Com quem poderei falar em Portugal? Quem está para me ouvir? Porque preocupar-me com tudo isto se eles vivem tão felizes na sua ignorância? — lembrar-me eu que não houve um candidato nos concursos para professor que houve recentemente em Portugal, que se interessasse por um dos assuntos mais na brecha no momento! Que se pode fazer no nosso torrão? Nada! Vou mudar de profissão ou então venho para Amesterdam ser Provo, ao menos tenho uma desculpa para não fazer nada e estou do outro lado da meseta.

31 de Julho de 1966.

JOSÉ PULIDO VALENTE

1966

—
IMPRESA SOCIAL
Secção da Coop. do Povo Portuense
Rua do Paraíso, 219 — PORTO

